

Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE  
JOAQUIM VENÂNCIO

**RENNAN DA SILVA ANDRADE**

**PICCHAR E GRAFITAR:**

**Vandalismo ou forma de expressão social**

**Rio de Janeiro, Fevereiro 2016.**

**Rennan da Silva Andrade**

**PICCHAR E GRAFITAR:  
Vandalismo ou forma de expressão social**

**Projeto de monografia  
apresentado à Escola Politécnica  
de Saúde Joaquim Venâncio –  
Fundação Oswaldo Cruz  
(EPSJV-Fiocruz) como requisito  
parcial para aprovação no Curso  
Técnico em Gerência em Saúde.**

**Orientador: Flávio Henrique  
Marcolino da Paixão**

**Rio de Janeiro, fevereiro 2016.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus e a toda espiritualidade que me acompanha e me guia.

Agradeço à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) pelo apoio institucional.

Agradeço ao meu orientador, com quem compartilhei ideias e construções

Agradeço a meus pais por estarem sempre me combrando e me motivando. Agradeço a minha irmã por todo apoio e noites de sonos perdidas comigo me ajudando na construção do trabalho durante meus ataques de ansiedade.

*“Minha energia é o desafio,  
minha motivação é o impossível,  
e é por isso que eu preciso  
ser, à força e a esmo, inabalável”.*  
*Augusto Branco*

## RESUMO

Este projeto tem como objetivo mostrar uma outra face do universo pichação, o lado da pichação como forma de protestar e expor suas ideologias frente ao sistema de governo ao qual a sociedade encontra-se inserida. Será realizado um resgate histórico por meio de revisão bibliográfica, buscando exemplificar os registros de pichações ideológicas e buscando entender se os movimentos Pichação e Grafite são o mesmo movimento ou se são movimentos distintos.

**Palavras-chave:** Protesto; Pichação; Grafite

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>1.2. QUESTÃO NORTEADORA .....</b>	<b>11</b>
<b>1.3. OBJETIVOS .....</b>	<b>11</b>
<b>1.4. METODOLOGIA .....</b>	<b>11</b>
<b>2. CAPITULO II - PICAÇÃO E GRAFITE: DUAS MANIFESTAÇÕES DA MESMA MOEDA? .....</b>	<b>12</b>
<b>3. CAPITULO III – TENSÕES .....</b>	<b>21.</b>
<b>4. CONCLUSÃO .....</b>	<b>23</b>
<b>5. BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>24</b>

## 1. CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

A arte moderna abrange diversos segmentos culturais e, dentre as formas de expressão urbana destacam-se o grafite e a pichação. Ao mesmo tempo que conseguem se manter extremamente atuais, estes dois movimentos culturais também se remetem a tempos passados, vide que ambos possuem sua origem na arte rupestre.

Figura 1 – Arte Rupestre



Fonte: Infoescola (<http://www.infoescola.com/artes/arte-rupestre/>)

Segundo Lima e Sales (2016):

Arte Rupestre é o mais antigo tipo de arte da história, teve início no período Paleolítico Superior. As principais obras eram desenhos e pinturas, tendo como tela as paredes e tetos de cavernas. Eram representados, principalmente, animais selvagens, linhas, círculos e espirais. Seres humanos eram mais representados em situações de caça. Ossos, pedras e madeiras eram utilizados em esculturas.

Segundo o dicionário Soares Amora (2009), o ato de pichar pode ser definido como “escrever em muros, paredes, postes, etc.”.

De acordo com a autora Torggler (2016):

Na maioria das vezes a pichação é entendida como uma tentativa de chamar atenção, expressando uma ideia para ser notada por um grande número de pessoas, tendo como objetos importantes as suas frases ou desenhos.

A pichação é manifestada com a escrita de um nome ou de uma frase e, pode ser entendida, portanto, como forma de protesto, enquanto possuidora de propósito, sendo a sua finalidade passar uma determinada mensagem, expressar uma ideologia. A pichação diversas vezes é confundida com o grafite. O ato de grafitar é escrever, rabiscar ou pintar com desenhos e letras estilizadas sobre muros, paredes, fachadas de casas ou edifícios, postes, viadutos, pontes, banheiros públicos, móveis escolares e outros espaços públicos ou privados que ofereçam visibilidade às mensagens dos grafiteiros, quase sempre de conteúdo inconformista, político, crítico da sociedade ou de mero diálogo com os transeuntes.

De uma maneira geral é consenso de que o grafite se parece muito mais com uma forma de arte do que a escrita de um nome, ainda que este seja confeccionado com letras estilizadas.

Segundo Albuquerque (2003):

As raízes do grafite estão muito além do que imaginamos. Remontam à pré-história, pinturas rupestres, escritos e desenhos das civilizações antigas. O grafite sempre oscilou entre a escrita e o desenho.

Por meio das definições expostas acima, pode-se inferir que o ato de pichar e de grafitar são fenômenos antigos, pois formas de expressão deixadas em paredes são encontradas desde de a época do homem primitivo.

Segundo Silva (2016):

A pichação e o grafite são temas que estão sendo usados nos debates das escolas, temas de redação de um vestibular ou concursos, são assuntos interessantes e bastante abrangente nos países. É também um alerta para os pichadores, que estão

desrespeitando o patrimônio e a cultura da cidade, os quais podem transformar a pichação em arte e, assim trazer cultura diversificada para o país.

A partir desta ótica, pode se verificar a importância do tema a ser abordado. As artes de rua, como o grafite e a pichação, estão presentes em diversos segmentos da sociedade moderna, seja para embelezar, questionar ou enfrentar o meio que estão inseridas.

Para se compreender o universo da pichação e do grafite, deve-se olhar para o passado, para tempos que remetem aos homens das cavernas. Vide que a definição de pichação, grafite e de arte rupestre tendem a caminhar juntas, pois ambas são inscritas nas paredes, onde as suas confecções utilizavam/utilizam materiais dos mais variados que existiram, existem e foram criados até os dias de hoje.

Assim como as pinturas rupestres tinham como principais características a narração de fatos ocorridos durante o dia-a-dia sendo eles caçadas bem-sucedidas ou não, estabelecendo assim, de certa forma, um diálogo com os seus semelhantes, a pichação e o grafite, nos dias de hoje, também agem dessa maneira, tentando estabelecer um diálogo com os transeuntes de determinada localidade.

Apesar de todo este significado cultural, ideológico e político, grande parte da sociedade ainda considera as artes de rua (sendo mais evidente neste caso o movimento pichação) um tipo de vandalismo, portanto antes de iniciarem se as reflexões acerca do movimento grafite/pichação é necessário entender qual o significado de vandalismo.

O dicionário Aurélio apresenta duas definições para o termo vândalo: membro de um antigo povo germânico, em parte eslavo, que devastou o sul da Europa e o norte da África e aquele que destrói os monumentos das artes ou das ciências. Ou seja, para grande parte da sociedade, a pichação e o grafite são atos de extrema estupidez e grosseria, a ponto de que os indivíduos envolvidos nesses movimentos sejam comparados a povos bárbaros do passado, aos quais eram e são atribuídos até hoje a destruição dos locais por quais perpassam. Essa denominação é um tanto quanto equivocada, já que não é levado em consideração a interligação destes dois movimentos com a chamada pintura rupestre, a qual é de caráter

comum para a sociedade considera-la como uma forma de expressão artística.

Escritos em paredes são encontrados há muito tempo, desde os primórdios da humanidade. Um exemplo para além das pinturas rupestres são os escritos encontrados nas paredes da antiga cidade de Pompéia, a qual foi vítima da erupção do vulcão Vesúvio no dia 24 de agosto de 79 d.C (por conta disso a cidade foi preservada).

Nos muros dessa cidade foram encontrados diversos tipos de escritas, as quais se parecem com todo o tipo de pichações, desde xingamentos, propagandas políticas, anúncios e até poesias.

Durante o período da idade média também eram encontradas escritas similares as pichações atuais, aonde os padres “pichavam” as paredes de outros conventos os quais viam como rivais, com o intuito de espalhar a sua ideologia e criticar as ideias e formas de pensar as quais eram contrários, utilizando-se de tal ferramenta para difamar os outros padres, nesse período a pichação também já era utilizada para criticar os governantes, sistemas de governos e seus defensores, prática a qual podemos observar até os dias atuais.

No Brasil segundo o blog xarpixo a pichação teve seu início em meados do ano 1960, surgindo como uma forma de protesto contra o regime militar, no qual estudantes eram os principais responsáveis pela ação. Diversas frases de cunho político eram encontradas, tais quais: "Abaixo a ditadura" e "Terrorista é a ditadura que mata e tortura". A maioria das pichações desse período eram confeccionadas nos muros da cidade durante dias de contra o regime militar. A madrugada fazia parte dos pichadores políticos, grupos se reuniam e mantinham ação, sempre com cuidado.

Segundo o blog mariarittabarras-maria, tem se registros de que a pichação também foi utilizada durante a Revolta dos estudantes de Paris no ano de 1968, os estudantes que participavam dos protestos grafavam nos muros da cidade suas reivindicações.

Como vimos acima, a pichação é um movimento que existe há muitos anos, porém teve seu maior crescimento após a segunda guerra mundial, pois foi o período em que as indústrias começaram a produzir materiais em aerossol e, com a criação da tinta em spray a

pichação começou a ganhar mais agilidade e mobilidade, tornando-se assim uma ferramenta de protesto mais “segura”.

## **1.2. QUESTÃO NORTEADORA**

O que leva o grafite a ser considerado uma forma de arte enquanto a pichação é considerada vandalismo?

### **1.3. OBJETIVOS**

#### **1.3.1. Objetivo geral**

Compreender a pichação e o grafite enquanto movimentos distintos e como ambos podem ser utilizados como ferramenta política.

#### **1.3.2. Objetivos específicos**

1. Realizar um resgate histórico do que se entende como pichação, abordando os grafismos dos tempos primitivos até os tempos modernos;
2. Realizar um resgate histórico dos momentos em que se tem registro de que a pichação fora utilizada como uma forma de protesto, diferenciar o movimento conhecido como grafite do movimento pichação, problematizando se são apenas um movimento ou se são movimentos distintos;
3. Investigar a relação entre o movimento pichação e o grafite, apontando suas semelhanças e diferenças.
4. Mapear e discutir as tensões envolvidas no movimento pichação a partir dos seus próprios atores.

## **1.4. METODOLOGIA**

O projeto está baseado na abordagem qualitativa. Usará como estratégias de pesquisa a revisão da literatura

A revisão de literatura usará blogs, livros e artigos encontrados por meio da busca na

base do Scielo, tendo como referência os descritores “arte urbana, grafite e pichação”.

Por fazer uso de entrevistas, o projeto será submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da EPSJV/Fiocruz.

## **2. CAPÍTULO II – PICHÇÃO E GRAFITE: DUAS MANIFESTAÇÕES DA MESMA MOEDA?**

A pichção desde seu surgimento vem sendo amplamente utilizada como uma forma de protesto contra regimes autoritários instaurados e para mostrar a indignação e revolta do povo para com os governos. Apesar de o movimento pichção ter perdido muito de sua ideologia, ainda existem pichadores que se utilizam desse movimento para expressar toda sua raiva e revolta contra a sociedade. Podemos observar isso no documentário PIXO (2009), onde diversas cenas apresentam a revolta dos atores do movimento pichção.

Uma cena em que essa revolta fica evidenciada é quando um determinado pichador diz: “é anarquia pura, é ódio [...]”. Pode-se observar essa revolta presente também no seguinte trecho do documentário: “ a gente mete o f\*\*\* se, tá ligado? [...] chega lá e faz na cara larga mesmo e se vier falar merda debate, até bate no cara [...] é pra afrontar mesmo”.

Essa revolta também pode ser observada dentro do documentário LUZ, CÂMERA, PICHÇÃO (2011) quando uma pichadora fala sobre o motivo de seu nome dentro do movimento: “me sinto reprimida, oprimida. Meus pais não me deixam ser um monte de coisa, ninguém deixa eu ser nada...” “ anarquia é liberdade, eu quero ser livre. Então pichar é fazer uma coisa revolucionária, eu vou ta agredindo e anarquia tem tudo a ver com essa parada de agredir”

Como pode ser observado acima, os atores do movimento utilizam como justificativa a revolta que eles possuem, seja em casa ou contra a sociedade. Porém, ainda dentro do documentário LUZ, CÂMERA, PICHÇÃO (2011) observa-se falas em um contexto

diferente: “ não falta nada lá em casa, o dinheiro eu trabalho, eu estudo. eu não sou revoltado, tem gente que fala a eu sou revoltado e eu não sou revoltado, às vezes o cara não é revoltado...”, “ o garoto que picha ele não é normal, ele não picha por que a vida dele é maravilhosa, porque ele ta satisfeito, isso daí são pessoas que não se enquadram de alguma forma no mundo em que a gente vive, esse moleque picha eles não estão enquadrados, algum problema tem, as pessoas estão insatisfeitas com a vida que a gente tem...”.

Nota-se a existência de uma certa divergência de opiniões por parte de alguns participantes desse movimento, já que o pichador citado no parágrafo acima acredita que nem todos os atores deste movimento são revoltados e que alguns indivíduos fazem a pichação apenas por gostarem ou para satisfazerem seu ego diferentemente da segunda pichadora acredita que os participantes do movimento são jovens revoltados e que possuem insatisfações com a vida.

Com o decorrer do documentário LUZ, CÂMERA, PICHANÇA (2011), nota se que assim como em uma das falas analisadas anteriormente, a questão do ego está muito presente dentro do movimento pichação. Vide três falas que retomam essa discussão sobre o ego e a pichação: “ pra gente isso era uma coisa muito importante, o reconhecimento” , “ se você for falar com o Sérgio cabral, com o Eduardo Paes, eles vão falar: esse cara é um tremendo filho da p..., ele dá prejuízo na cidade que eu administro, mas se você for falar com mais alguns outros que gostam da pichação... po o tatá é F\*\*\*, então isso aí massageia o ego, todo ser humano ele gosta de ter o ego dele massageado e era maneiro você ir na reunião e neguinho falar assim, P\*\*\* você que é o hair? assina uma folha aqui pra mim?” “ é aquele lance que eu falo é bom pro ego.”. A partir dessas três falas fica explícito que a pichação já não é mais feita apenas com a motivação de protestar, porém ainda existem pichadores que praticam com o intuito do protesto

Um exemplo de protesto em forma de pichação, foram as pichações confeccionadas nos protestos do ano de 2013, contra o aumento do preço das passagens, os gastos com a copa do mundo, contra a corrupção e a favor de melhorias nos sistemas educacionais e de saúde. Um outro exemplo mais atual de que ainda existem pichadores com ideologia contra hegemônica

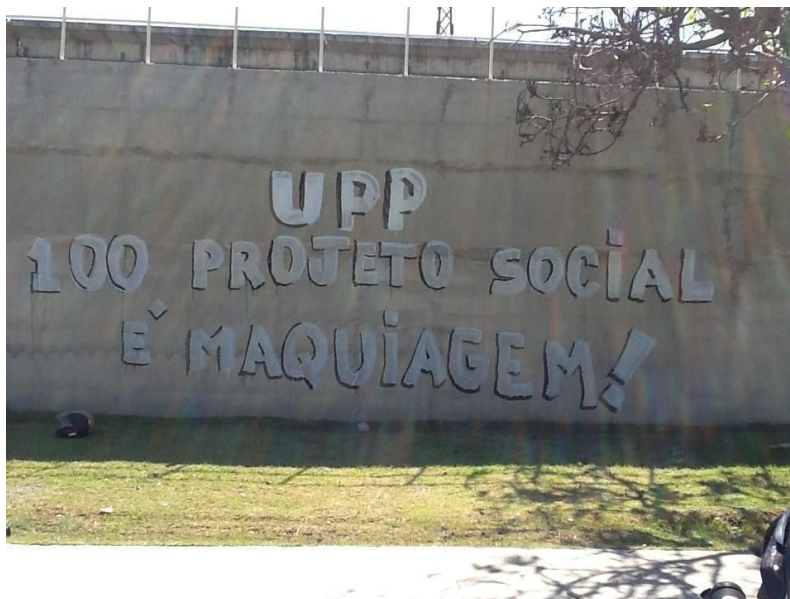
se encontra no Rio de Janeiro. O pichador conhecido como “BLA” que vem ganhando cada vez mais espaço dentro da pichação carioca com pichações que confrontam o governo e seus “projetos sociais”.

Figura 2 – Pichação BLA sobre educação



Fonte: reprodução Facebook (<https://www.facebook.com/bianca.brasil.583?fref=ts>).

Figura 3 – Pichação BLA sobre UPP



Fonte: reprodução Facebook (<https://www.facebook.com/bianca.brasil.583?fref=ts>).

Por meio do documentário PIXO (2009) também é possível observar que existem tensões e intrigas entre os indivíduos atuantes dentro deste movimento conhecido como

pichação. No decorrer do documentário, existem diversas cenas onde essas tensões são explicitadas, porém, existem duas em que a tensão presente entre os atores do movimento pichação está mais explícita. A primeira cena começa quando um atuante do movimento pichação fala sobre uma rixa entre dois grupos de pichadores que são conhecidos no movimento pichação como: “ Os mais imundos” e os “ RGS”. O mesmo dá detalhes de como essa briga começou.

Essa briga se inicia no de 1998 e para muitos integrantes do universo pichação é algo surpreendente, vide que esses dois grupos eram aliados na pichação. Segundo o pichador que narra o ocorrido, pelo fato dos integrantes desses grupos serem muito próximos, inicia-se um certo sentimento de inveja e que acabou gerando uma guerra, onde segundo ele existiram mortes, agressões e muito “atropelo”<sup>1</sup>. Há outra cena onde essas tensões dentro do movimento ficam ainda mais evidentes. Esta cena se passa durante uma briga entre dois pichadores, que segundo o documentário nos faz crer, os envolvidos nessa briga seriam dois integrantes dos grupos citados. Muitas pessoas ficam observando o “embate” entre os dois pichadores, porém nenhum dos pichadores que estavam observando tentaram separar. Essa briga só acaba quando um dos pichadores cai desacordado e aí sim os pichadores que estavam assistindo decidem ajudar o indivíduo que desmaiou. Brigas envolvendo grupos de pichadores são muito comuns, muitas acabam em mortes, conforme citado anteriormente.

No dia 13 de fevereiro de 2015 ocorreu na madrugada de São Paulo uma briga entre grupos rivais na pichação que resultou na morte de duas pessoas e na prisão de outra. Segundo informações divulgadas em matéria jornalística pelo jornal Folha de São Paulo, o indivíduo preso praticou o crime por que os outros dois pichadores (ambos mortos) teriam pichado em cima de sua “tag (arte)”<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Segundo o blog xarpixo, um dos sítios da internet em que os debates são protagonizados por esses atores atropelo/atropelar – escrever por cima de outra tag ou arte.

<sup>2</sup> Segundo o blog Xarpixo: Tag - assinaturas de nomes ou apelido. O termo surgiu em Nova Iorque, com os jovens que denominavam o ato de escrever seus nomes pela cidade, e principalmente, nos vagões dos trens, como 'writing', 'tagging' ou 'hitting'.

É possível observar que existem diversas tensões dentro do movimento pichação, o que não ocorre com o movimento Grafite. Para entender melhor o universo do grafite foi utilizado o documentário Exit Through The Gift Shop (saída pela loja de presentes 2010), que conta o início do movimento.

Ao explorar o documentário Exit Through The Gift Shop podemos conhecer melhor o início do movimento conhecido como grafite, uma arte proibida e praticada exclusivamente nas ruas. O documentário Exit Through The Gift Shop também nos apresenta dois tipos de grafiteiros, um que participa do movimento com o intuito de protestar e de confrontar o governo e um outro que apenas quer ser denominado um artista e ganhar dinheiro. O primeiro grafiteiro é conhecido como Banksy, um grafiteiro que se destaca dentro do universo do grafite. Banksy, como é exposto no documentário Exit Through The Gift Shop, possui um estilo irreverente e utiliza o grafite para protestar e chamar atenção do mundo para questões importantes.

Figura 4 – Grafite de Banksy



Fonte: <http://evelynmullerfotografias.blogspot.com.br>.

O outro grafiteiro é conhecido como Mr.Brainwash, em português senhor lavagem cerebral, a motivação desse nome era como ele entendia o mundo do grafite, uma visão totalmente diferente da tida por Banksy que encarava o grafite como uma forma de protesto.

O documentário Exit Through The Gift Shop também mostra como a polícia abordava os grafiteiros, uma forma muito mais pacífica do que quando os envolvidos eram pichadores, porém isso depende do local. No Brasil as abordagens costumam ser bem agressivas.

Dentro do movimento conhecido como grafite, o grafiteiro Banksy é um dos personagens mais importantes da atualidade, pois foi a partir de uma exposição realizada por ele e sua equipe nos EUA que o grafite começa a ser melhor visto como arte pela sociedade e pelo governo.

Figura 5 – Grenade Banksy



Fonte: <http://doiss2.blogspot.com.br/2013/03/grafite-de-banksy.html>

A exposição realizada por Banksy tem como intuito protestar, porém essa exposição acaba sendo algo que muda totalmente a forma que o grafite era visto e tratado pela sociedade e pelo mundo da arte. Com essa exposição Banksy consegue atrair mais visibilidade para o grafite chamando atenção e fazendo com que pessoas ligadas ao mundo das artes se interessem em comprar seus trabalhos, mudando assim a forma como a sociedade enxergavam o movimento grafite.

A partir desse momento, onde o grafite começa a virar uma arte lucrativa é que começam a cair os preconceitos sobre esse movimento, fazendo assim com que um movimento que vem da rua como uma forma de protesto, comece decorar casas e galerias da alta sociedade, e atraia cada vez mais admiradores e pessoas que querem fazer parte desse movimento, tornando assim mais uma arte decorativa contemporânea e tirando sua pegada ideológica de protestos.

Dentro do documentário *Exit Through The Gift Shop*, Banksy se posiciona sobre o novo patamar atingido pelo grafite: “[...]e de repente, tudo se tratava de dinheiro. Mas nunca se tratou de dinheiro [...]”

A partir da exposição realizada por Banksy, relatada no documentário, mesmo sem ser sua intenção, o movimento grafite começou a ganhar cada vez mais espaço dentro de galerias e até mesmo em decorações de casas, escolas e locais com grande circulação de pessoas, se

destacando a pintura feita pelos grafiteiros conhecidos como “Os gêmeos” no avião da seleção brasileira de futebol.

Ao mesmo tempo que o grafite vem ganhando mais reconhecimento perante a sociedade, a pichação vem sendo cada vez mais discriminada. A sociedade a trata como uma arte transgressora, irrelevante e sem beleza, sem levar em conta que ambos são movimentos que estão interligados, vide que grande parte dos grafiteiros de hoje começaram como pichadores.

Figura 6 – Os Gêmeos e o avião da Seleção



Fonte: vejasp.abril.

Dentro dos universos da pichação e do grafite, a capital brasileira que mais se destaca é São Paulo. A capital possui na pichação um estilo único, a caligrafia dos pichadores de São Paulo usa como base letras que lembram os letreiros de bandas de rock.

Figura 7 – Alfabeto pichação São Paulo



Fonte: <http://photos1.blogger.com>.

Figura 7 – Logo da Banda Led Zeppelin

Fonte: <http://www.dafont.com>.



Assim como na pichação, São Paulo também é referência dentro do cenário do grafite, vide que foi lá que, no final da década de 70, o grafite chegou ao Brasil. A cidade de São Paulo possuía o maior mural a céu aberto de grafites da América Latina, até começar a gestão do prefeito Dória que declarou guerra a pichação mas acabou sobrando também para o grafite. Após iniciadas as ações contra o movimento pichação, atores de ambos os movimentos se posicionaram contra as medidas adotadas pelo prefeito.

Figura 8 – União grafite e pichação contra medidas do Prefeito Doria



Fonte: <http://images.jovempan.uol.com>.

Figura 9 – Pichação contra o prefeito Doria



Fonte: <http://www.revistaforum.com.br>

Segundo o site *noticias.uol*, o grafite é permitido nos dias de hoje, desde que o grafiteiro possua uma autorização para utilizar se do espaço e, ainda segundo o mesmo site, a regulamentação do grafite tem o intuito de valorizar o patrimônio público ou privado com manifestações artísticas.

### 3. CAPÍTULO III - AS TENSÕES

Segundo consta na Lei nº 9.605 de 12 de Fevereiro de 1998, pichar ou sujar alguma edificação ou monumento urbano é crime e sua pena vai de 3(três) meses a 1(um) ano, caso a

pichação seja feita em monumento ou coisa tombada em virtude do seu valor artístico, arqueológico ou histórico, a pena é de 6 (seis) meses a 1 (um) ano de detenção e multa.

Porém segundo alguns relatos que foram feitos no documentário LUZ, CÂMERA, PICHANÇA (2011) foram selecionados três momentos em que é mostrado que a prática dessa lei é diferente na madrugada e nos mostra como a polícia age quando realiza a prisão de algum pichador. A primeira fala é de um pichador conhecido como Hair, o mesmo relata uma abordagem ocorrida da seguinte forma: “Eu já tomei paulada na mão, já fui pintado. já me tomaram chinelo, relógio, já me mandaram vir pra casa só de short”. A segunda fala é do pichador conhecido como Tatá: “ na madrugada é mais complicado porque de repente o cara te joga em uma viatura ou te joga em outro carro, te leva pra um terreno baldio e te apaga” . Já a terceira fala é do pichador denominado Dark que narra uma abordagem de um policial federal: “o carro branco era da polícia federal [...] o negão me botou na lixeira de madrugada, três e pouca da manhã, botou a lata na minha cabeça, aí fazia assim com a pistola (apontava) hoje eu não to com uma boa mira”.

Como foi citado acima nem sempre a lei é cumprida, muitas das vezes policiais, seguranças e alguns moradores acabam agindo com extrema violência. Um exemplo mais recente da violência sofrida por participantes desse movimento ocorreu a pouco mais de um ano, no ano de 2016 na rua da Alfândega, onde 3 rapazes foram agredidos. Segundo o site de notícias G1, os agressores eram seguranças da rua. Os 3 rapazes abordados foram brutalmente agredidos com uma barra de ferro, despídos e pintados, pelo simples fato de estarem portando latas de tintas. Em contrapartida como observamos no documentário Exit Through The Gift Shop que os grafiteiros não sofrem uma repressão tão violenta quanto sofrem os atuantes do movimento pichação.

Um dos motivos que podem justificar a diferença das abordagens sofridas por ambos os atores dos movimentos pode ser o fato de o grafite ter um mercado formal que movimenta bastante dinheiro e a pichação por ter apenas um mercado informal e que não movimenta tanto dinheiro quanto o grafite, já que para a confecção de um grafite necessita se de muito materias e talvez um curso, já para a pichação apenas uma lata de tinta basta e muita disposição.

#### 4. CONCLUSÃO

A arte moderna abrange diversos segmentos culturais e, dentre as formas de expressão urbana destacam-se o grafite e a pichação que, ao mesmo tempo em que conseguem se manter extremamente atuais, estes dois movimentos culturais também se remetem a tempos passados, vide que ambos possuem sua origem na arte rupestre, pois surgem da necessidade humana de se expressar frente a fatos ocorridos no cotidiano.

A pichação pode ser compreendida como uma tentativa de chamar atenção, expressando uma ideia para ser notada por um grande número de pessoas, tendo como objetos importantes as suas frases ou desenhos e, enquanto possuidora de propósito, pode ser entendida como forma de protesto. Apesar de a pichação e o grafite serem constantemente confundidos pela população em geral, onde ambas as formas de expressão são apontadas como vandalismo, é consenso de que o grafite se parece muito mais com uma forma de arte do que a escrita de um nome, ainda que este seja confeccionado com letras estilizadas. O ato de grafitar é escrever, rabiscar ou pintar com desenhos e letras estilizadas sobre muros, paredes, fachadas de casas ou edifícios, postes, viadutos, pontes, banheiros públicos, móveis escolares e outros espaços públicos ou privados que ofereçam visibilidade às mensagens dos grafiteiros, quase sempre de conteúdo inconformista, político, crítico da sociedade ou de mero diálogo com os transeuntes.

Apesar de o movimento pichação ter perdido muito de sua ideologia, por conta de diversos motivos (dentre eles a guerra de egos dos pichadores – o que resultou até em mortes), ainda existem pichadores que se utilizam desse movimento para expressar toda sua raiva e revolta contra a sociedade, vide as pichações confeccionadas nos protestos do ano de 2013, contra o aumento do preço das passagens, os gastos com a copa do mundo, contra a corrupção e a favor de melhorias nos sistemas educacionais e de saúde.

No movimento Grafite, não existem tensões como as do movimento pichação e, é a partir de uma exposição realizada pelo grafiteiro Banksy que o movimento grafite vem

ganhando espaço no cenário cultural e mudando totalmente a forma como é visto pela sociedade.

Ao mesmo tempo que o grafite vem ganhando mais reconhecimento perante a sociedade, a pichação vem sendo cada vez mais discriminada. A sociedade a trata como uma arte transgressora, irrelevante e sem beleza, sem levar em conta que ambos são movimentos que estão interligados, vide que grande parte dos grafiteiros de hoje começaram como pichadores.

No Brasil a pichação teve seu início em meados do ano 1960, surgindo como uma forma de protesto contra o regime, já o grafite teve seu início no Brasil no final de 1970 e, dentre as cidades brasileiras que possuem os dois movimentos, deve-se dar o devido destaque a cidade de São Paulo, onde se possui na pichação um estilo único, a caligrafia dos pichadores de São Paulo usa como base letras que lembram os letrados de bandas de rock e se possuía o maior mural a céu aberto de grafites da América Latina, até começar a gestão do prefeito Dória que declarou guerra a pichação mas acabou sobrando também para o grafite. Após iniciadas as ações contra o movimento pichação, atores de ambos os movimentos se posicionaram contra as medidas adotadas pelo prefeito. Segundo consta na Lei nº 9.605 de 12 de fevereiro de 1998, pichar ou sujar alguma edificação ou monumento urbano é crime e sua pena vai de 3(três) meses a 1(um) ano, caso a pichação seja feita em monumento ou coisa tombada em virtude do seu valor artístico, arqueológico ou histórico, a pena é de 6 (seis) meses a 1 (um) ano de detenção e multa, nem sempre a lei é cumprida, muitas das vezes policiais, seguranças e alguns moradores acabam agindo com extrema violência. É importante salientar que as abordagens violentas na maioria das vezes ocorrem com os pichadores, pois segundo o documentário *Exit Through The Gift Shop*, os grafiteiros não sofrem uma repressão tão violenta quanto sofrem os atuantes do movimento pichação.

Infer-se que o grafite é visto pela sociedade em geral como uma forma de arte, enquanto que a pichação não, apesar de muitas vezes as pessoas ainda confundirem um movimento com o outro. Isso se deve ao fato de que o grafite é uma arte de rua reconhecida e apreciada por pessoas de alto poder aquisitivo e até figuras públicas, o que torna o grafite uma arte altamente lucrativa e contribui para a quebra de paradigmas e preconceitos.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Ana. O Grafite como canal alternativo de informação: Caminhos para uma discussão interdisciplinar em ciência da informação, 2008. P.11.

Acesso em: 04/02/2016

AMORA, Soares. *Dicionário Soares Amora*. 19. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2009. p. 543.

Acesso em: 04/01/2016

ARGEMIRO, J. Grafitar. Disponível em:

<<http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/grafitar/2503/>>. Acesso em: 04/01/2016

Aerossol. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/aerossol/>>. Acesso em:

06/01/2016.

BELÈM, Amanda. Disponível em:

<<http://xarpixo.blogspot.com.br/2015/09/girias-dos-pichadores.html>>. Acesso em:

07/02/2017

LIMA, Pâmela; SALES, Sávio. Arte Rupestre X Grafite. Disponível em:

<<http://arteculandocsjb.blogspot.com.br/2012/07/arte-rupestre-x-grafite.html>>. Acesso em: jan.06/01 2016.

PIXO. Direção: João Wainer, Roberto T. Oliveira. Produção: Roberto T. Oliveira. São Paulo – SP, 2009. 61 minutos.

SILVA, Andreia da Silva. A diferença do grafite e da pichação no mundo dos pichadores.

Disponível em:

<<http://br.blastingnews.com/noticia/2014/08/a-diferenca-do-grafite-e-da-pichacao-no-mundo-dos-pichadores-00117980.html>>. Acesso em: 02/01/2016.

TORGGLER, Julia. et al. Grafite e Pichação. Disponível em:

<<http://grafitelc.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 03/01/2016.

